

## ■ ***Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos,*** **um ensaio de Oliver Sacks**

*"Seeing voices: a journey into the world of the deaf", an essay Oliver Sacks*

 Bárbara Carolina Vanderley Boaventura \*

**Resumo:** Em seu ensaio *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*, Oliver Sacks, professor de neurologia, promove uma jornada ao universo da comunidade surda, contemplando os aspectos linguísticos, sociais, culturais e humanos desse grupo. Organizado em três capítulos, o livro constitui-se como um verdadeiro mergulho na história dos surdos, revelada por meio de experiências e relatos pessoais do autor que teve contato com pessoas surdas que revelam seus dramas, suas lutas mas também suas conquistas pela e na emancipação dos direitos à educação, como por exemplo, o episódio marcante de um reitor surdo na Gallaudet University, nos Estados Unidos. Nessa obra, Sacks admite que ganha um novo olhar sobre a surdez, deixando de vê-la como uma deficiência médica e compreendendo que ela se concretiza numa língua – a língua de sinais – que sistematiza e revela o pensamento e a cultura dessas pessoas. Trata-se de um livro no qual o escritor, com uma linguagem acessível e humana, traço característico de suas publicações, dialoga não apenas com a neurologia, mas também com conhecimentos da Psicologia e a Linguística, demonstrando que a comunidade surda têm muito a ensinar ao público ouvinte do que se pode imaginar.

**Palavras-chave:** História da surdez. Cultura surda. Educação e emancipação dos surdos. Língua de sinais. Linguística.

**Abstract:** In his essay *Seeing Voices: a journey into the world of the deaf*, Oliver Sacks, professor of neurology, takes us on a journey into the universe of the deaf community, contemplating the linguistic, social, cultural, and human aspects of this group. Organized into three chapters, the book is a true immersion into the history of the deaf, revealed through the experiences and personal accounts of the author, who had contact with deaf people who reveal their dramas, their struggles, but also their achievements for and in the emancipation of rights to education, such as the remarkable episode of a deaf president at Gallaudet University in the United States. In this work, Sacks admits that he gains a new perspective on deafness, no longer seeing it as a medical disability and understanding that it takes the form of a language—sign language—that systematizes and reveals the thoughts and culture of these people. It is a book in which the writer, with the skill and uniqueness characteristic of his works, dialogues not only with neurology, but also with psychology and linguistics, showing that deaf people have much more to teach the hearing public than one might imagine.

**Keywords:** History of deafness. Deaf culture. Deaf education and emancipation. Sign language.

---

\*Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília. Professora de Língua Portuguesa da SEEDF. Editora-chefe da Revista *Com Censo Jovem*. Contato: [barbara.boaventura@se.df.gov.br](mailto:barbara.boaventura@se.df.gov.br)

Publicada originalmente em agosto de 1989, sob o título *Seeing voices: a journey into the world of the deaf*, com sua primeira edição impressa pela University California Press, *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*, teve sua primeira edição brasileira publicada em 1998 pela Companhia das Letras e em 2010, sua segunda edição. Filho de pais médicos, Oliver Sacks nasceu em 9 de julho de 1933 em Londres, Inglaterra e faleceu aos 82 anos, em 2015, nos EUA. Estudou medicina na Universidade de Oxford, mas mudou-se, aos 27 anos, para os Estados Unidos, onde lecionou neurologia no *Albert Einstein College of Medicine*, em Nova Iorque. Ficou conhecido por escrever e difundir conhecimento sobre neurologia, de uma maneira acessível e por meio de uma escrita subjetiva, acessível e humana, sobre temáticas e casos complexos para a neurologia e psiquiatria como o espectro autista, o mal de Parkinson, o Alzheimer, surdez, alucinações, entre outros diagnósticos. Publicou diversos livros, como *Enxaqueca* (1970), *Um antropólogo em Marte* (1995), *Alucinações* (2012), *Gratidão* (2015), *Tudo em seu lugar* (2019, póstumo), títulos que os tornaram mundialmente conhecidos devido exatamente por abordar casos complexos e curiosos a sua escrita singular, que não tratava dessas questões sob a perspectiva puramente técnico-científica, mas também subjetiva, humana.

Estruturado em três capítulos, o livro é uma obra valiosa que deixa um legado importante sobre a diversidade e riqueza do universo dos/as surdos/as, trazendo novos paradigmas e desmistificando preconceitos e estereótipos.

No capítulo 1, Sacks conta como ocorreu o primeiro contato com esse universo: curiosa e metalinguisticamente, o autor recebeu a cópia do manuscrito do livro *When the mind hears* ("Quando a mente escuta", em português) de Harlan Lane, para produzir uma resenha crítica. Sacks reconhece que a indiferença inicial com que abriu o pacote do manuscrito transformou-se em incredulidade e espanto ao descobrir sobre a história da educação dos surdos e a luta contra os preconceitos enfrentados por essa comunidade: "Comecei a interessar-me pelos

surdos – sua história, suas dificuldades, sua língua, sua cultura – quando recebi os livros de Harlan Lane" (Sacks, 2010, p. 49).

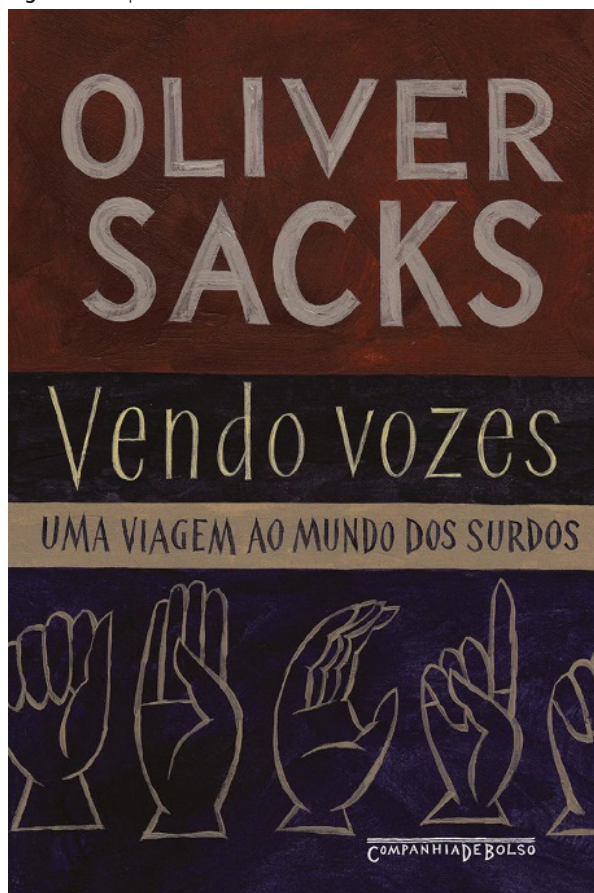
Ainda nesse capítulo, o autor apresenta conceitos importantes como o de surdez pré e pós-linguísticas, além de desmistificar termos relativos ao universo dessa comunidade. Sacks também relata o histórico da luta dos surdos pelos direitos em educação, apresentando um panorama histórico da emancipação dos surdos na França e nos EUA, enfatizando o período frutífero de 1770 a 1820, época em que houve grandes conquistas, que foram perdidas,

em certa medida a partir de 1870. O capítulo ainda apresenta importantes educadores dessa trajetória em prol de uma educação voltada para os surdos: o abade Del'Épée, conhecido como o 'pai dos surdos' e considerado como um dos pioneiros na educação dos surdos, criou a primeira escola para surdos na França e desenvolveu um método de ensino que permitia que pessoas surdas lessem e escrevessem em francês; ou ainda a figura do abade Sicard, pupilo de Del'Épée, que o sucedeu na *Escola para Surdos de Paris*, transmitindo os ensinamentos que havia aprendido.

Sacks, ao longo do ensaio, não deixa de apresentar também um olhar crítico diante de práticas comuns no início da trajetória educacional para surdos. Uma dessas críticas, por exemplo, destinou-se ao método de ensino criado por Del'Épée, que considerava a língua de sinais uma língua desprovida de um sistema

gramatical autônomo, dependendo, portanto da gramática importada da língua francesa e revelando que desde o começo existe uma visão estereotipada de que uma língua de sinais corresponde a algo rudimentar, primitivo, pantomímico, confrangedor (Sacks, 2010, p. 33). Sacks explica que "até mesmo Del'Épée ignorava, ou não conseguir crer, que a língua de sinais era completa, capaz de expressar não só cada emoção, mas também cada proposição e de permitir a seus usuários discutir qualquer assunto, concreto ou abstrato (Sacks, 2010, p. 33). Essa obra permite que o leitor rompa com a visão estereotipada de muitos que acreditam que as línguas

Figura 1 – Capa do livro



Fonte: Companhia das Letras, 2010.

de sinais não são sistemas linguísticos estruturados, com uma sintaxe própria, configurando-se, como valiosa contribuição para os estudos em Linguística.

O segundo capítulo é a essência do livro, pois carrega uma densa, sensível e profunda apresentação de histórias de crianças surdas com as quais teve contato enquanto neurologista e pesquisador. Um dos casos é o do pequeno Joseph, um garoto de 11 anos, que nasceu com surdez congênita, recebendo tardiamente seu diagnóstico, mas que, ao ser matriculado como estudante da escola *Braefield School for the Deaf*, começa a ter contato com possibilidades e desafios de comunicação com o mundo e com os outros; ou ainda, o caso extraordinário de Jean Massieu, um adulto com surdez congênita que, até os 14 anos, não tinha aprendido nem o francês nem a língua de sinais, comunicando-se por meio de gestos manuais, comumente criados por crianças que se encontram nesse cenário. Permanecendo em casa até os 13 anos, sem nenhum processo de alfabetização formal, Massieu cresceu se comunicando de outra maneira até começar a desenhar figuras de objetos, e graças ao trabalho feito pelo abade Sicard, o estudante começou a compreender as abstrações registradas pelas palavras que o abade escrevia nos desenhos do pupilo: “Naquele momento, [ele] percebeu toda a vantagem e a dificuldade de escrever [...] [e] dali por diante, os desenhos foram abolidos, nós os substituímos pela escrita” (Sacks, 2010, p. 60). Massieu evoluiu tanto que, após perceber que um objeto pode ser representado por um nome escrito, ele criou dentro de si um interesse muito grande por nomes, querendo, então, nomear e conhecer o nome de todas as coisas. E essa vontade de aprender só aumentou sua percepção linguística, uma vez que começou a compreender que havia adjetivos para qualificar, nomes próprios para nomear determinados elementos. Apesar de fazer certas confusões, como o uso do pronome ‘ele’ como um nome próprio ou a troca entre os pronomes pessoais ‘eu’ e ‘você’, além do uso de nomes de animais para expressar características, como por exemplo, ‘carneiro por ‘brando’, Massieu adquiriu tamanha compreensão do funcionamento da língua e tornou-se, posteriormente o primeiro professor surdo da *Escola para Surdos de Paris*.

Outra figura central no universo dos surdos é Laurent Clerc, que Sacks resgata ao longo dos seus relatos do segundo e terceiro capítulos. Clerc, aluno excepcional de Jean Massieu, foi a figura que levou o legado construído na França em relação aos direitos educacionais dos surdos para os Estados Unidos, contribuindo para a criação da primeira escola para surdos nos EUA, o

*American Asylum*, em Hartford, em 1817, juntamente com Thomas Hopkins Gallaudet.

No capítulo 3, Sacks narra, com riqueza de detalhes, a greve de estudantes surdos do *Gallaudet University*, primeira universidade para surdos no mundo. O autor narra com riqueza de detalhes uma semana intensa de março de 1988, em que os alunos reivindicavam a nomeação de um reitor surdo, que até então a universidade ainda não tinha. À época, uma professora ouvinte, Dra. Elizabeth Zinser, e com baixa popularidade, seria a nova reitora após a aposentadoria do último reitor. No entanto, não representando a identidade e a língua da comunidade surda, os estudantes promoveram protestos com o intuito de nomear um reitor surdo que representasse esse universo. Oliver acompanha de perto a greve, descrita pelos seus relatos pessoais: “Atravesso palmo a palmo as barricadas, os discursos, os sinais e passeio livre pelo vasto e belo *campus* verde [...]. O *campus* fervilha, visivelmente, com conversas – por toda parte há pares ou pequenos grupos comunicando-se por sinais.” (Sacks, 2025, p. 145). O desfecho dessa história é a renúncia de Zinser, e a nomeação de King Jordan como novo reitor. *Gallaudet University*, situada em Washington, nos Estados Unidos, é, até os dias atuais, a única universidade no mundo que oferece programas de graduação para pessoas surdas, configurando como símbolo de resistência e emancipação da educação e cultura surdas, e de forma mais específica, da *American Sign Language* (ASL). Atualmente, a universidade é chefiada por uma reitora surda, Roberta Cordano, nomeada em 2016.

Ao mergulhar nas páginas desse livro, o leitor encontrará uma obra que registra, de maneira singular um retrato multifacetado de homens e mulheres surdos e como suas vidas acontecem e revelam esferas e lutas muitas vezes desconhecidos. Esse livro destina-se a todo leitor e toda leitora curioso/a a compreender e saber mais desse universo – de uma maneira profunda, acessível e inédita. Professores, pesquisadores, linguistas, neurologistas, médicos, psicólogos, psiquiatras e outros profissionais poderão se surpreender com aquilo que a comunidade surda tem e pode nos ensinar. Um livro que vai muito além da surdez, que revela o oculto num universo linguística, cultural e socialmente rico, como o próprio autor confessa, nas primeiras linhas de seu prefácio: “Três anos atrás, eu nada sabia a respeito da situação dos surdos, nem imaginavam que ela pudesse lançar luz sobre tantos domínios, sobretudo o domínio da língua.” (Sacks, 2010, p. 7).

## Referência

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. [Título original: Seeing voices: a journey into the world of the deaf]. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. ISBN 85-7164-779-8.